

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón em ligação vídeo a partir de Milão, 24 de fevereiro de 2021

*Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, Gerar Rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019; capítulo 2, ponto 9 com o título “A modalidade persuasiva com que o Espírito Santo intervém na história: o carisma” Pags. 116 a 125*

- *Errore di prospettiva*
- *Tu sei venuto dal buio*

### *Gloria*

Boa noite a todos! Damos início ao nosso momento de trabalho sobre a Escola de Comunidade, que se centra inteiramente num tema que nos é familiar: o carisma.

O que mais facilita perceber o que é o carisma, não como definição ou como discurso, mas em termos de experiência, é observar a sua dinâmica numa pessoa que o descobriu recentemente.

*Boa noite a todos. Obrigada por me terem convidado para estar aqui esta noite; para mim é a primeira vez, Antes de 2020 não conhecia o CL. Conheci uma colega de trabalho que era do Movimento; mas mesmo antes de saber isso senti imediatamente uma ligação forte com ela, sem saber porquê. Perguntava-me a razão disso, visto que nessa altura ela era quase uma estranha para mim. Mas o que mais me impressionava era que ela não me tratava como uma estranha, não julgava o facto de eu não ter qualquer relação com a fé, nem nunca tentou forçar-me a acreditar. Um belo dia, sem o esperar, convidou-me a participar na EdC que teria lugar nessa mesma noite, e eu pensei: «Como é possível que uma pessoa como ela convide alguém como eu?». Naquele momento, parecia-me que tinha acontecido um milagre, porque embora não me conhecessem de lado nenhum, eu era acolhida numa companhia como se fosse irmã deles... De cada vez, experimentava o carisma daquela companhia que se estava a tornar parte da minha vida: encontrei pessoas que representam uma grande família, que cuidam não apenas delas próprias, mas também de quem vem de fora. Pouco a pouco, comecei a perceber que Deus tinha escolhido aquela pessoa para me comunicar o dom que queria oferecer-me, ou seja, aquele encontro com Ele que há muito tempo já não tinha, e a coisa extraordinária é que Ele escolheu fazê-lo da forma mais humana e natural possível, deixando-me livre de escolher outra vez aquele dom que, no passado, tantas vezes não tinha acolhido. Eu dizia que estava afastada de Deus, e Ele através dela atraiu-me a Si. Sem correntes, sem vínculos nem salvo-condutos, mas apenas com o amor que me transmitia aquela família de pessoas que já não eram desconhecidas. Somos todos diferentes, mas temos em comum o facto de sermos filhos de Deus e por isso irmãos, e isto elimina qualquer tipo de estranheza entre nós, logo no primeiro encontro. É precisamente este o significado do carisma do movimento de Comunhão e Libertação: uma grande família que te acolhe no abraço que podes receber encontrando Deus, que te faz sentir protegido e amado acima de qualquer limite.*

Não sei o que vocês sentiram ao ouvir a nossa nova amiga, mas eu não pude deixar de sentir o impacto de cada pormenor que ela contou, porque explicitou muito bem a modalidade com que Deus age, através da graça que chamamos “carisma” – como lemos no texto da Escola de Comunidade –. A caridade de Deus usa esta modalidade para tornar possível a fé a uma pessoa para quem ela era estranha, e fá-lo, como ela disse, do modo mais natural: torna persuasivo o caminho sem forçar nada; ela simplesmente encontrou alguém com quem imediatamente sentiu uma ligação forte que não esperava, porque as duas eram “estranhas”, não se conheciam. E assim, pouco a pouco, começou a tornar-se familiar o que antes era totalmente estranho, e nasceu uma relação totalmente nova, eliminando qualquer tipo de estranheza. A modalidade é esta, absolutamente simples. Para o perceber

não é preciso fazer um curso sobre o carisma, porque isso seria uma abstração; o caminho é depararmo-nos com uma pessoa que atrai pela forma com que nos trata, com que nos olha e com quem nasce uma ligação. Com o tempo, a nossa amiga percebeu que era Ele, Deus, que “através dela, me atraiu a Si. Sem correntes, sem vínculos, [...] apenas com o amor que me transmitia aquela família de pessoas que já não eram desconhecidas”. Uma humanidade diferente que tem apenas um método para se comunicar: na relação com aquela pessoa havia algo que a atraía. Uma atração, e não correntes. E ela percebeu tudo isto como um dom de Deus pela afinidade que surgia – como diz o texto da Escola de Comunidade – com pessoas com quem se sentiu realmente irmanada: “Filhos de Deus e por isso irmãos”. Se calhar estamos habituados a histórias como esta porque ouvimos contar tantas semelhantes, mas vê-lo acontecer hoje, no contexto histórico que estamos a viver, significa que pode acontecer sempre e que esta é a forma, totalmente humana, com que o Mistério se torna companheiro do nosso destino: atrai-nos a este lugar que se torna, como aconteceu com ela, companhia rumo ao destino.

*Olá.*

Olá, como é tu, que estás no Movimento há tanto tempo, descobriste de novo, existencialmente, o alcance do carisma?

*Uma amiga, quando retomávamos a Escola de Comunidade, contou que estava a viver este período com uma distração constante, onde tudo se perde, com a incapacidade de fixar um ponto no seu dia que juntasse todos os factos e todas as coisas: tudo passava, sem consistência. Um amigo, durante o encontro do grupo de Fraternidade, contou que, diante da notícia de uma dor vivida por um amigo, não se tinha “mexido” minimamente em relação ao que estava a fazer no segundo antes, como se nada tivesse acontecido. Estou agradecido a estes amigos porque me mostraram que existe um lugar (o carisma, nas suas diversas articulações) no qual é possível, sempre, expormo-nos e desta forma tornaram-me mais consciente de que o nada não é uma abstração filosófica, e que também eu posso resvalar para ele; e depois, que esta morada, o carisma, é irreduzível a qualquer limite, a cada deslize para o nada, porque aqui, na experiência do carisma, encontro Jesus vivo, única possibilidade de não ceder ao nada. A Escola de Comunidade, na pág. 116, diz que «o Acontecimento, com efeito, acontece hoje de acordo com uma determinada forma de tempo e de espaço, que torna possível uma determinada maneira de o enfrentar e o torna mais compreensível, mais persuasivo e mais pedagógico». E isto, como se diz na pág. 119, é decisivo porque o carisma «é o fator que existencialmente possibilita a pertença a Cristo, isto é, a evidência do Acontecimento presente hoje, porque nos move».*

*Ler, refletir e confrontar-me com este capítulo, com o carisma, é como estar imerso no Mistério vivo que me fala, me toca, me abraça. Ler estas páginas torna-me grato pela iniciativa que Deus tomou comigo. Tornam-se maiores a minha sede e fome do Mistério.*

Depois de ter ouvido a amiga que falou primeiro, é impressionante ver como nós, que vivemos esta experiência há tanto tempo, podemos estar tão distraídos ou impermeáveis a tudo, sem consistência. Do espanto inicial que muda tudo, passamos à distração que prevalece em muitos momentos, a ponto de ficarmos insensíveis até à dor de um amigo. Parece quase impensável. No entanto, estas duas intervenções ajudam-nos a perceber que a natureza deste lugar que fascinou a nossa nova amiga é a de ser uma realidade que, assim como a acolheu, também continua a acolher-nos no decorrer do caminho, para nos tirar constantemente da nossa distração, do nosso decair. Não é um lugar em que temos de estar à altura, mas sim um lugar onde cada um pode partilhar as suas angústias, todas as dificuldades que surgem no caminho, porque é “irreduzível a qualquer limite”. E essa irreduzibilidade representa, para cada um de nós, a única possibilidade para não ceder definitivamente ao nada, porque nos reergue constantemente, desperta-nos do torpor em que muitas vezes podemos estar, e faz-nos mover, põe-nos de novo em movimento, facilita existencialmente a pertença a Cristo, porque só a evidência do Acontecimento presente hoje nos move. E isso é decisivo para nós que somos humanos e que, portanto, sabemos o que significa decair em tantos aspectos da vida, mas, ao

mesmo tempo, sabemos que estamos num lugar irreduzível, que tem a capacidade de reabrir sempre o jogo, não nos deixando à mercê do nada e pondo-nos sempre de novo em movimento.

*Sobre o parágrafo 9, impressionou-me muito quando diz que “o carisma é como uma janela [aberta] através da qual vemos todo o espaço” e que “a prova de um verdadeiro carisma é que se abre para tudo, não se fecha” (p.118). Assim que li estas frases fiquei impressionada, parecia que descrevia a experiência que estou a fazer nestes últimos tempos. No trabalho tem sido um momento complicado, com muitas discussões e “a organização” é sempre o tema principal das conversas. Uma manhã, durante a enésima tentativa de gerir a situação, afirmei que a minha posição era de abertura àquilo que eles tivessem para nos propor. Uma colega minha, com quem trabalho há pouco tempo, mas com quem está a nascer uma bela relação, disse-me: “Tu surpreendes-me porque estás sempre disponível e aberta a tudo, não te retiras a priori”. Voltando para casa, no carro, e refletindo sobre aquilo que ela me tinha dito, dizia para comigo que não sou eu que sou assim aberta, mas sim os meus colegas que são “queixosos”. Mas esta explicação não encaixava perfeitamente, havia alguma coisa que me estava a escapar. Depois, à noite, lendo o ponto 9, tive um sobressalto porque me apercebi que não estava a ter em consideração o facto de que eu sou assim por um motivo preciso, ou seja, por aquilo que encontrei, o carisma que me plasmou “para melhor” e me torna aberta. Impressionou-me o facto de me aperceber que não estava a ter isto em consideração, aliás, raciocinava como se fosse um aspeto de carácter (que até pode ser verdadeiro, em parte) No entanto, não posso deixar de constatar como é verdadeiro aquilo que li na Escola de Comunidade, isto é, que o carisma fez de mim uma pessoa nova. Obrigada!*

Obrigado, porque depois das tuas palavras, o que os dois primeiros amigos disseram demonstra-se diante dos nossos olhos, surpreendendo-nos e revelando a natureza própria da graça que nos aconteceu, do carisma que nos permite estar na realidade abertos a viver qualquer circunstância, inclusive as dificuldades que uma pessoa pode encontrar no trabalho, nos relacionamentos, na vida pessoal, nas circunstâncias do dia a dia. Os primeiros a perceber são aqueles com quem vivemos, neste caso, os colegas: “Tu impressionas-me, porque estás sempre disponível”. Enquanto que a nossa amiga não se tinha dado conta, e achava que os outros é que se queixavam demasiado, e não que ela era aberta. Mas, ao voltar para casa, percebeu que a sua explicação não a convencia totalmente, não a persuadia totalmente. E, então, o texto da Escola de Comunidade fez com que percebesse de onde nasce a abertura de que ela é testemunho e que a sua colega percebeu, gerando nela um sobressalto cheio de gratidão. Este é um exemplo de como só podemos perceber a natureza do carisma através da experiência. A experiência precede sempre o que lemos. A experiência faz-nos perceber o texto, e o texto ajuda-nos a perceber cada vez mais a experiência. De facto, se não tivesse acontecido o que ela contou, ela teria passado por cima do texto sem se dar conta do seu valor. Por outro lado, se não tivesse lido novamente aquelas frases, não teria podido dar-se razões adequadas para a profundidade da experiência que tinha vivido, da qual nasceu um “sobressalto” pela surpresa causada pelas palavras de *don* Giussani. Os textos ajudam-nos, como se dizia antes, a tornarmo-nos conscientes do acontecimento que se deu na nossa vida, que ainda não percebemos até ao fim. Tanto assim é que ela não estava consciente de que o carisma está a fazer dela uma pessoa nova, que o carisma a gerou: “O carisma fez de mim uma pessoa nova”. Amiga, imaginemos o que seria acordar de manhã com esta consciência, não só com a cabeça cheia de preocupações, mas desafiando qualquer preocupação com a consciência de que o Mistério te gerou e te está a formar, e por isso podes enfrentar seja o que for que aconteça durante o dia com aquela diversidade que já te inoculou, quase sem que percebesse, no teu ser, no teu íntimo, no teu olhar. O carisma é isto: um particular através do qual o Mistério nos gera como pessoas abertas a qualquer circunstância, a qualquer desafio, a qualquer situação. Quantos se queixam nas situações em que se encontram? Deus, em vez de nos dar uma explicação, gera-nos de tal maneira que nos faz viver tudo com esta diversidade: abertos em vez de “queixosos”.

Vamos aprofundar esse aspecto do carisma – “um aspecto particular que permite a totalidade” (p. 118) –, para percebermos um equívoco no qual é fácil cairmos.

*Para mim também, o ponto de trabalho foi o mesmo que a última amiga que interveio citou no início e que tu acabaste de retomar: o facto de don Giussani dizer que o carisma é “um aspecto particular que permite a totalidade”, é uma janela que abre ao horizonte inteiro. Esta maneira de perceber o carisma acompanha-me desde que entrei no Seminário há mais de trinta anos, também porque no Seminário encontrei uma atitude um pouco diferente. A ideia era a de que o carisma era uma coisa acrescentada, um “ornamento”, uma ênfase, uma ideia não necessariamente combatida (havia quem gostasse dela, quem a tolerasse e também quem a olhasse com desconfiança). A perspectiva, em resumo, era esta: há a espiritualidade do padre diocesano, que é, como dizer, a base comum e, depois, a partir do carisma pessoal – para mim, para nós, o carisma de um Movimento –, pode-se acrescentar alguma coisa. Pelo contrário, a hipótese de don Giussani é profundamente diferente. Eu repito e reitero: o carisma é um particular histórico que introduz e faz viver tudo, não é só um acréscimo. A interrogação que nascia do contraste entre estas duas perspectivas acompanhou-me sempre, e hoje acho que percebi duas coisas. A primeira é esta: para além da questão teológica, há muitas razões a favor do que don Giussani dizia, e diz. Para mim, existencialmente é importante não fechar esta questão, tê-la sempre presente: como é que pertencer ao carisma de CL me abre ao real, a todos que encontro, à realidade da Igreja inteira? Quero estar aberto a todos que encontro, a toda a realidade, a toda a experiência da Igreja. Se fecho esta pergunta, é fácil cair no que o Papa censurou tantas vezes e que chama “autorreferencialidade”. A pergunta sobre como é que este aspecto particular que, para mim, é o carisma de don Giussani, abre à totalidade, é uma provocação que deve ser mantida sempre aberta, não intelectualmente, não teologicamente – porque nesse nível me parece suficientemente esclarecida –, mas na vida, existencialmente. A segunda coisa é esta – parece-me que também ficou clara no decorrer dos anos –: há um caminho que não devemos tomar, que é o de que nos abrimos a tudo e a todos só se formos um pouco menos de alguém, no meu caso, se for um pouco menos de CL. Isto parece-me um equívoco que muitas vezes acontece (dito ou não dito, explicitado ou não) também connosco, padres. Se o carisma é um caminho e um aspecto particular para viver o todo, então o valor deste caminho só pode ser compreendido se o percorrermos. Quanto mais hesitamos, menos percebemos onde nos leva; quanto mais ficamos parados, mais espessa se torna a neblina. Portanto, só se vivemos com decisão uma pertença precisa, percebemos se é bom para nós, se nos abre ou se, ao contrário, nos fecha. Para terminar com um slogan, diria que a perspectiva é a totalidade através de um particular e não apesar de um particular. “Através de um particular”: esta é uma frase que devemos guardar, porque é o método usado por Deus – como estamos a ver nos testemunhos desta noite – para nos abrir à totalidade. E isso não é uma coisa que conquistamos definitivamente, como disseste, é preciso viver sempre esta tensão e ajudarmo-nos a não nos fechar dando por óbvia a natureza do carisma – abrir-se à totalidade –, porque o facto de pertencer à experiência do carisma não é, por si só, garantia de que já vivemos uma abertura à totalidade. Sabemos bem que entre falar e fazer há uma grande distância, por isso parece-me que deixar existencialmente aberta a questão é muito saudável, muito salutar para nós. Além disso, também é preciso evitar outro risco que tu assinalaste, ou seja, que para ser de todos é preciso ser um pouco menos de CL. O texto diz exatamente o contrário: quanto mais alguém vive um carisma, tanto mais pertence e é introduzido à Igreja. Relativamente a isto, impressionou-me a história que um amigo me contou recentemente sobre como a sua filha e os seus amigos do liceu lhe mostraram que, precisamente ao viver mais o particular a que pertenciam, se abriram à totalidade da vida da Igreja. Por isso, pedi que ele nos contasse a história a todos esta noite.*

*Como não conseguiam estar juntos, alguns miúdos do liceu, entre os quais a minha filha, decidiram encontrar-se na Missa (que é a única “atividade” aberta), numa igreja “central” relativamente às*

suas casas. O padre (que não é do Movimento), reparando numa presença significativa de jovens “desconhecidos”, quando soube do motivo, ficou impressionado e decidiu reabrir o centro paroquial para lhes oferecer um lugar para estudarem e estarem juntos. Ao fim de uma semana, mandou-nos – a nós, pais deles – uma carta que descrevia de uma maneira lindíssima todo o percurso que tinha feito, a partir do seu espanto até à beleza de estar com eles. Impressiona-me muito o modo como este padre foi atraído por uma novidade neste momento tão crítico, novidade essa que renovou nele o valor pelo qual valia a pena correr o risco de reabrir o centro paroquial (respeitando todas as regras e precauções, mas indo contra a ideia de que “é menos arriscado estarmos fechados”), e fez nascer nele a vontade de estar com eles, ou seja, tornar aquele espanto inicial uma experiência na companhia deles, procurando tornar mais adequada a realidade das circunstâncias. A consequência é que os miúdos apegaram-se a ele e estão lá todos os dias. Lembrei-me do fim do ponto 7 da Escola de Comunidade sobre a responsabilidade como simpatia, na parte que refere que a natureza das decisões não é um ato energético de vontade, porque “a decisão [...] nasce como o estabelecimento de uma simpatia. Os Apóstolos iam atrás de Jesus porque estavam ligados a Ele com um juízo que os tornava capazes de uma decisão perfeitamente racional: porque onde se gera um relacionamento que chega a uma simpatia profunda, à renovação de um apego nascido de um espanto incomparável, a racionalidade é um acontecimento” (p.105). Isto descreve exatamente o que aconteceu.

Lindo! Impressiona-me porque, parece-me, é um exemplo muito evidente de como aqueles miúdos não precisaram ser um bocadinho menos amigos, um bocadinho menos de CL, para suscitar o espanto no padre. Pelo contrário, justamente por ter ficado espantado com a beleza da maneira como estavam juntos, abriu-lhes o centro paroquial, dando a possibilidade de ir atrás da beleza que tinha diante dos olhos. A simplicidade de uma história como esta mostra como aqueles miúdos já viviam o carisma, que já estava dentro das suas vidas e, por isso, puderam abrir-se à totalidade. Podemos ver neles como quanto mais vivem a relação entre eles, mais são introduzidos à Igreja, tanto assim que o padre se lhes afeiçoou, e eles ao padre, sem que tivessem precisado de ser menos amigos. Assim, instaurou-se a simpatia de que tu falavas. Então, a questão é que se torne cada vez mais nosso o carisma que encontramos.

Às vezes, o chamamento à “responsabilidade” que acabou de ser citado parece-nos estranho.

*Não pude deixar de sentir uma grande desproporção ao ler as seguintes palavras: “Cada um tem responsabilidade pelo carisma encontrado. Cada um é causa de declínio ou de crescimento do carisma [...]. A tomada de consciência da responsabilidade por todos é muito séria enquanto urgência, enquanto lealdade e fidelidade.” (p.123). Nalgumas circunstâncias deste último período, sobretudo no trabalho, vi emergir alguns dos meus limites, ligados ao meu temperamento, que me marcaram. Reli esta frase sobre a responsabilidade e (não o nego) comecei a medir-me, como se mudasse de método em relação ao que diz o texto. É certo que Giussani não está a falar da responsabilidade como estar à altura das circunstâncias, como se fosse uma capacidade nossa ou, como nos dizes muitas vezes, uma “performance”. Mas se não está ligada à nossa “performance”, de que responsabilidade está a falar don Giussani? Que passo de consciência nos está a pedir nestas páginas relativamente à nossa responsabilidade?*

Vamos ver se alguém, lendo o texto, começou, como tu, a medir-se e descobriu algo de novo.

*A minha pergunta é muito parecida. O trabalho da Escola de Comunidade foi sempre uma ajuda porque sinto a necessidade de fazer um trabalho sobre aquilo que me acontece, para que as coisas adquiram um valor e para que nada seja reduzido ao sentimento predominante do dia. Preciso disso para viver sem deixar nada de fora. O ponto 9 insiste sobre a responsabilidade do carisma, sobre a questão de viver para a obra de Outro, sobre o chamamento a que é preciso responder. Eu não vivo sempre com esta consciência, pelo contrário, já me aconteceu, ao final de dias difíceis, ler esta parte da Escola de Comunidade e pensar: “Como estás longe disto!” e logo a seguir começar a medir-me, até porque Giussani não dá alternativas; afirma na pág. 121 que “subtraímo-nos à*

*“forma de ensinamento à qual fomos confiados” é o primeiro passo para o cansaço, o tédio, a confusão, a distração e até o desespero”. Não posso negar, no entanto, que esta minha reação revelou um ponto verdadeiro de mim neste último período: sou tão moralista! Muitas vezes, acordo de manhã e a única preocupação é que “devo” fazer bem o meu trabalho, “devo” fazer tudo para que o aluno consiga ter positiva, “devo” preparar as aulas para o dia seguinte, se conseguir, “devo” participar na Missa diária, “devo” preparar o jantar, “devo” ler alguma coisa antes de dormir e depois recomeçar na manhã seguinte. Que tristeza! A única posição que me salva diante deste deslize moralista é a que tu propuseste na assembleia de Taiwan: "Imagina que, ao acordares já preocupada com as coisas que tens que fazer, te deixavas invadir pela consciência de que és uma felizarda: como seria diferente o teu dia!". Este é o motivo da minha pertença ao carisma, não é um ter de fazer. Como é possível recuperar esta gratidão quotidianamente em vez de cair no habitual moralismo? Obrigada porque tudo o que propões se torna um contributo para o meu caminho. Tal como vocês, no início outros também tiveram medo diante da afirmação de don Giussani de que “cada um de nós é responsável pelo carisma encontrado”.*

Olá.

Olá. Como é que tu venceste este medo?

*Parto do que aconteceu depois da minha intervenção no encontro público de 30 de janeiro sobre “Educação, comunicação de si mesmo”. Queria contar-vos o que percebi graças àquele momento juntos e ao trabalho que estou a fazer por causa da Escola de Comunidade e o que está a acontecer. A primeira coisa nova foi reconhecer o carisma do movimento como verdadeiro e vivo para mim. O carisma sempre foi algo abstrato e distante de mim, dado ao Gius. Nunca me tinha questionado sobre a incidência histórica do carisma. Agora acontece que eu, que valho muito pouco, me descubro diante da realidade sem demasiado medo, ou seja, o medo existe, mas é vencido pela esperança da boa semente. Acontece que reconheço que essa boa semente é Cristo que vem a mim através do carisma ou seja as caras dos meus amigos, com um rosto, com um nome, numa bela companhia. Lendo e pensando sobre a Escola de Comunidade, comecei a compreender quando se diz que "cada um tem responsabilidade pelo carisma encontrado..." e que "o carisma conjuga-se segundo a generosidade de cada um" e ainda "devemos fazer da comparação com o carisma [...]um comportamento normal"(pp.123-124). Quando comecei a ler o ponto, estas palavras assustaram-me, percebi-as como um julgamento e uma imposição; para além disso, comparei-as às outras pessoas e não a mim mesma. Aquele encontro sobre educação e a realidade quotidiana chamam-me a ser educada primeiro como pessoa, como mulher e mãe e como parte de um grupo de amigos dentro de uma companhia maior, em vez de olhar para os outros com preconceito. Comecei a não sentir nenhum desconforto em dizer o nome do Pai que me está a gerar agora e compreendi que investir no que dura (o terreno de Jeremias de que falei no encontro) corresponde à semente de esperança da carta de alguns professores de CL ao jornal italiano Corriere della Sera, que antes não tinha percebido. Então, pela primeira vez, num contexto de escola pública, muito laico, optei por me expor e enviar para as delegadas de turma o link do encontro de dia 30. Fiz isso com muita liberdade e sem medo de um julgamento, simplesmente porque percebi que o que me ajuda, pode ajudar outros e que não pode haver desconforto em declarar o que me gera com tanta força. O resultado foi muito além de qualquer desejo: as delegadas, entusiasmadas, enviaram o link para todos os pais da turma e com um pequeno grupo resolvemos encontrar-nos para conversar sobre a questão educativa em tempo de pandemia, diante dos problemas da turma, Assim encontro-me diante de outra possibilidade de ser educada, a realidade já não me larga. Esses factos estão objetivamente a mudar-me, ensinam-me a compreender a grandeza do carisma e o sentido das frases de don Giussani de que falei há pouco. Transborda em mim uma enorme gratidão, uma incomensurável gratidão pelo dom que recebi, gratuitamente.*

Estão a ver como o carisma se revela, continua a revelar-se diante dos nossos olhos como uma coisa muito concreta, como disse a primeira amiga que interveio esta noite? Se o carisma é percebido como uma coisa abstrata (sem incidência histórica, dizias), quando lemos a parte sobre a responsabilidade que temos em relação a ele, podemos achar que é uma imposição. É o contrário da experiência que a nossa nova amiga viveu. Mas todas as nossas reações e percepções – de estraneidade, de abstração, de medo – são ocasiões para percebermos, através de um encontro (no teu caso, o encontro sobre a educação ou a Escola de Comunidade, etc.), como a nossa vida é regenerada, gerada novamente, precisamente na situação que descreveste: não precisaste de mudar, simplesmente foste agarrada como és – como agarrou a nossa amiga através de uma colega “estranha” –, agarrou-te no momento em que estavas e fez-te emergir como “eu”: “Comecei a não sentir desconforto em dizer o nome do Pai que está me a gerar agora”. O que é impressionante é que isso não foi só um pensamento, tanto assim que te tornou livre, abriu-te à circunstância a ponto de te teres exposto e teres enviado para os delegados de turma, num contexto laico, o *link* do encontro de 30 de janeiro. Quando o fizeste, surpreendeste-te por ter sido acolhido favoravelmente e ter sido reencaminhado, a ponto de gerar um grupo de pessoas que começaram a trabalhar sobre educação. É para isto que devemos olhar: a experiência do carisma gera toda a grandeza do que nos está a acontecer.

Podemos negligenciar esta vida e, assim, “obscurecer e diminuir” – até já não a ver – “uma intensidade de incidência que a história do nosso carisma tem sobre a Igreja de Deus e sobre a sociedade” (p. 123). Mas o Senhor, através deste lugar, desperta-nos de novo e constantemente, se nós nos deixamos gerar, e faz-nos perceber na experiência a grandeza do carisma e o significado das frases que o descrevem. Que efeito tem isto sobre a vida? Fez com que transbordasses com uma gratidão incomensurável pelo dom que recebeste gratuitamente.

Então, o que gera uma experiência como esta?

*«Nós precisamos de crescer, de amadurecer e de agir no mundo de acordo com a especial “forma de ensinamento” com que o Senhor nos quis encontrar» (p.121). A primeira pergunta que me surgiu ao ler o ponto 9 foi o que seria, realmente, esta forma de ensinamento. Por essa altura, organizámos, no centro cultural, uma sessão em videoconferência com o testemunho da Mireille Yoga do Centro Edimar nos Camarões, de quem fala um artigo da Tracce (in <https://por.clonline.org/not%C3%ADcias/atualidade/2021/01/31/eu-sou-ouro-em-bruto>). É muito fácil, em exemplos como este, deslizar para o “lindo, lindo...” como um fim em si mesmo, que hoje em dia me enjoa e até me perturba. Então, arrisquei ir ao fundo porque queria olhar, ver e verificar se iria descobrir o que procurava. Perguntei-lhe, sem rodeios: “Quero ser como tu, amadurecer como tu, quero perceber o que é que te sustenta”. Ela respondeu: “A Escola de Comunidade semanal que faço com os miúdos e os educadores”. E eu disse comigo mesmo: só isto? Parecia-me demasiado pouco; basta ser fiel à Escola de Comunidade? Mas o seu rosto, o seu olhar e a certeza que transbordava das suas palavras entusiasmaram-me. Ela não estava cansada, nem confusa, muito menos desesperada, apesar do que vive todos os dias. Assim, fiz uma verificação simples mas convincente: para ter uma humanidade assim, não existem formas de ensinamento alternativas à única possível, ou seja, seguir os passos que esta história me propõe concretamente, em primeiro lugar, a Escola de Comunidade. Simplesmente, seguir, não há que fazer outra coisa para ter aquele cêntuplo no olhar, como a Mireille. Não o meu achar que sigo a experiência e o caminho dado interpretando uma estrada, mas antes seguir aquilo que tu indicas, Julián, estar atento e seguir a experiência nas caras das testemunhas que a renovam em mim, estar ligado, com os olhos escancarados, a estas pessoas em quem vejo reacontecer o carisma. A fidelidade humilde a tudo isto muda todos os dias a posição do coração, primeiro, em relação a mim e, a seguir, em relação ao mundo.*

É neste lugar – que tu descreveste tão bem, amigo – que cada um de nós é facilitado a ser gerado assim, a responder à pergunta que colocaste quando viste a vida de alguém como a Mireille, que te entusiasinou: “Quero ser como tu, quero perceber o que te sustenta”. O encontro com ela foi ocasião

para perceberes que basta simplesmente seguir, que não há outra coisa a fazer para ter o cêntuplo que viste nela. A regra é fácil, lembra-nos sempre Jesus: “Quem me seguir terá o cêntuplo neste mundo”. Uma das frases que Giussani costumava repetir. De facto, ele dizia que nunca falava sem citar esta frase de Jesus. Agora tu descobriste-a como nova vendo acontecer o cêntuplo numa pessoa, ficaste impressionado ao ver acontecer nela aquilo que dizia e isso era sinal de que ela se deixava gerar pela forma de ensinamento à qual foi confiada. Porque esta é a beleza do caminho que *don* Giussani nos propõe: põe na nossa frente uma pessoa em quem podemos ver que se realiza aquilo que nós queremos, para que não nos separemos da forma de ensinamento à qual fomos confiados, de modo a que a nossa vida não se torne cansada, confusa ou desesperada. Por isso, não conseguimos conformar-nos com o “lindo, lindo..”, mas seguimos a atração que vemos diante de nós. Porque, como estudámos nos pontos anteriores de *Gerar rasto na história do mundo*, o que assegura que a experiência de correspondência que fizemos e que vemos em alguém, possa prosseguir, é justamente a responsabilidade. Seguir, responder. Para que isto possa tornar-se nosso é preciso o que tu fizeste: identificaste-te com a flexão que viste acontecer na Mireille. Na tentativa que cada um de nós faz, na flexão aproximativa da nossa tentativa, surge a questão sobre que *don* Giussani insiste: “A maior preocupação que metodológica, moral e pedagógicamente se deve ter” é “a comparação com o carisma, tal como nos foi dado”, “tal como este surgiu nas origens da [nossa] história comum”, senão, o carisma pode tornar-se “pretexto e ponto de partida para o que nós quisermos, cobre e avaliza o que nós queremos” (p. 124).

Em que consiste concretamente esta comparação? Esta pergunta foi feita por uma pessoa que enviou uma contribuição, e que agora nos fala dela.

*Olá. No ponto que estamos a estudar, diz-se: «Cada um, em cada ato seu, em cada dia seu, em cada imaginação sua, em cada propósito seu, em cada ação sua, deve ter a preocupação de comparar os seus critérios com a imagem do carisma tal como este surgiu nas origens da história comum». E um pouco mais adiante: “por agora a comparação última é com a pessoa com quem tudo começou. Esta pode ser dissolvida, mas os textos deixados e o seguimento ininterrupto - se Deus quiser - das pessoas indicadas como ponto de referência [...], tornam-se o instrumento de correção e de ressuscitação; tornam-se o instrumento para a moralidade”.(p.124) Portanto, agora, a comparação é contigo. Mas o que quer dizer isto, concretamente? Eu não te tenho por perto quotidianamente! Mas um pouco mais adiante, o texto diz: “Dar a vida pela obra de Outro, de forma não abstrata, é dizer uma coisa que tem uma referência histórica, concreta: para nós significa que tudo aquilo que fazemos, toda a nossa vida, é para o crescimento do carisma em que nos foi dado participar, que tem a sua própria cronologia, a sua própria fisionomia descritível, indica nomes e apelidos e, na origem, um nome e um apelido.” (p.125) Com isto, surge-me uma outra pergunta: na comparação com estes “nomes e apelidos” mais próximos, acontece-me ouvir ou ver viver coisas diferentes. Mas então com qual destes me devo comparar?*

Quando li a tua pergunta lembrei-me logo de uma frase de *don* Giussani que citei no encontro de 30 de janeiro sobre a educação: “Numa sociedade como esta, não é possível criar nada de novo a não ser com a vida: não há estruturas, nem organizações, nem iniciativas que resistam. Só uma vida diferente e nova [vimos isto esta noite] é que pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, em suma, tudo” (“Movimento, ‘regra’ de liberdade”, por O. Grassi, *CL Litterae communionis-CL*, n. 11, 1978, p. 44). Depois do percurso que fizemos podemos perceber melhor, a partir da experiência, em que consiste esta comparação. Desde o início da nossa história, a “forma de ensinamento à qual fomos confiados” (p. 117) foi justamente a vida com que cada um de nós se deparou, assim como aconteceu com a primeira amiga que interveio. Não se tratou então, e não se trata hoje, de um moralismo, de regras a serem seguidas ou de um discurso correto e limpo, mas de uma forma de ensinamento que, como *don* Giussani sempre nos disse, tinha em “João e André” o seu paradigma. Giussani estava convencido de que não conseguimos mudar nada, a não ser com a vida! Comunica-se por atração, não por



proselitismo. Hoje, vimos acontecer de novo isto no testemunho de uma nova amiga ou na história do padre e do centro paroquial. Nomes e apelidos desafiaram a vida daqueles que encontraram pelo caminho. A comparação, portanto, não é para ser feita por um moralismo ou para medir a nossa *performance*. A comparação é com uma vida, como dizíamos, que vemos acontecer nestes nomes e apelidos. Como fez o nosso amigo diante da Mireille: “Quero ser como tu, amadurecer como tu”. A comparação começa, caríssima, quando tu te vês diante desta diferença de potencial que não te deixa indiferente – não começa com todos do mesmo modo – que te atrai e, atraindo-te, põe-te em ação. Assim, a fé torna-se interessante para a vida. Isto vale fora do “recinto” do CL, mas também dentro. Não há diferença. Para viver a fé, o método é o mesmo: uma atração. Não é que fora é necessária uma atração, mas dentro basta o cargo, o moralismo ou as regras. Isso não existe! Senão não estaríamos aqui esta noite. Assim como vocês, também eu fui chamado a participar na experiência do carisma, através da responsabilidade à qual fui chamado. Por isso, exercendo a função de guia do Movimento, comparo-me, como vocês, com a vida de todos, com a vida de todos os que eu encontro, com toda a beleza dos testemunhos que depois vos ponho diante – Xiao Ping, Azurmendi e os miúdos, e também a nova amiga desta noite –, porque eu, em primeiro lugar, sou gerado constantemente por estes “nomes e apelidos”. E quando tenho de enfrentar a vida, não posso senão enfrentá-la, assim como tu, com estes factos nos meus olhos. Tenho de enfrentar a pandemia, tenho de enfrentar a pergunta sobre o que me arranca do nada, tenho de enfrentar as circunstâncias vendo ruir as evidências que todos tínhamos, tenho de enfrentar o problema da educação em tempos de pandemia, tenho de encontrar pessoas completamente diferente de nós. Que tenho eu diferente de ti para enfrentar tudo isto? Todos estes factos que constantemente me geram. Porque eu tenho o mesmo problema que tu: viver. Vivo todos estes desafios diante de todos, diante de ti, agora, com estes factos nos olhos. Vê tu se – isto é a comparação –, na tua tentativa de enfrentar todas as circunstâncias, naquilo que vês nos outros ou em mim, encontras alguma coisa que te ajuda a estar diante dos desafios que todos enfrentamos. Porque é que a nossa nova amiga seguiu a colega que tinha encontrado? Porque a fazia estar de modo diferente no real. Porque é que enfrentámos a pandemia de maneira diferente? Porque nos facilitou estar no real. Com que é que comparamos? Com as circunstâncias nas quais o Senhor nos coloca, nas quais nos dá testemunhos que nos ajudam a viver. Eu percebo bem a tua pergunta: “Mas o que quer dizer isto, concretamente? Eu não te tenho por perto quotidianamente!”. Lembra-me o que eu ouvia Giussani dizer sempre: “Prestem atenção ao que eu digo em público, diante de todos”. Quando eu morava em Madrid, via-o uma vez por ano e de longe, muito menos do que tu me vês, e não tinha outra coisa com que comparar a não ser isso. Em todos os gestos que constantemente fazemos, tu estás diante de uma maneira de enfrentar os desafios com que te podes comparar, verificando se a modalidade de que te sentes investida, pelo que vês acontecer diante dos teus olhos, te ajuda, te facilita viver melhor. Porque não é por outro motivo, é só por causa de uma atração que o cristianismo se comunica, desde o início, e continuará a comunicar-se. A origem não permanece porque falamos do passado, mas é o contrário: o passado interessa-nos porque há qualquer coisa que nos atrai hoje, que nos faz sobressaltar hoje. Tu ficas curiosa por causa do que vês acontecer hoje e, por isso, nasce o desejo de descobrir a sua origem. Por isso, a comparação com o carisma faz-nos sentir o impacto com a maneira como alguém vive o presente. É isso o que *don* Giussani diz: “O que é [...] autoridade? É o lugar (tu também és um lugar, uma pessoa também é um lugar) onde a luta da profecia e a verificação da profecia são vividas; onde se desenvolve a luta para afirmar – e a verificação para confirmar – a resposta que a proposta de Cristo é para a percepção do coração; onde Cristo é experimentado como a resposta às exigências do coração” (<https://por.clonline.org/cm-files/2019/10/18/jia-2019-port.pdf>). Assim como vocês, eu também tenho me comparar com o carisma que todos encontramos.

*Don* Giussani indicou-nos o critério para ajuizar, sublinhando que o critério para julgar a vida de toda a Igreja e a experiência do carisma é o mesmo. Vale a pena reler como *don* Giussani fala disto no fim do livro *Porquê a Igreja*. À pergunta: «A Igreja é verdadeiramente o prolongamento de Cristo no

tempo e no espaço? É o lugar e o sinal da sua presença?», responde: «Dando seguimento àquilo que Jesus levou a cabo na sua existência terrena, a Igreja dirige-se à nossa humanidade tal como ela é.[...] A Igreja, como Jesus, dirige-se àquela faculdade do homem que chamamos experiência elementar, quer dizer, aquele conjunto de evidências e exigências originais com que o ser humano se lança sobre a realidade. [...]É, portanto, com este sentido crítico superior», continua *don* Giussani, «que precisa de ser continuamente conquistado, que a Igreja pretende medir-se pondo-se a si mesma à mercê da experiência humana autêntica».

Quando encontramos uma testemunha, somos convidados a verificar se vive melhor do que nós. Comparar é identificar uma diferença de potencial. E é a essa comparação que a Igreja submete a proposta que faz ao homem: «Ela submete a sua mensagem à aplicação dos critérios originários do nosso coração. Não requer cláusulas que se cumprem mecanicamente, entrega-se ao juízo da nossa experiência, ou melhor, exorta-a continuamente a percorrer o seu caminho na totalidade». Por outro lado, este é «o critério que nos guia, mesmo nas escolhas mais ínfimas: os homens aderem a este ou àquele convite, escolhem estar com esta pessoa ou aquela, porque destas escolhas esperam uma maior satisfação, uma correspondência mais intensa ao seu desejo. Sendo a liberdade uma força de adesão ao objecto a que se aspira, o homem, feito para a felicidade, move o seu livre dinamismo em busca do «maior fascínio», como dizia Sto. Agostinho, quer dizer, duma plenitude de vida cada vez maior, duma posse do ser cada vez mais total».

Nesta altura, Giussani sublinha que «a mensagem da Igreja na história da humanidade declara que tem como único interesse levar a cumprimento o anseio supremo do homem. Sem exigir-lhe que esqueça algum dos seus desejos autênticos, das suas exigências primeiras, prometendo-lhe, antes, um resultado muito superior à sua própria capacidade imaginativa: o cêntuplo. [...]Na sua proposta a Igreja não pode fazer batota; não pode entregar um livro e umas fórmulas somente nas mãos de exegetas. Ela é vida e deve oferecer vida, e deve acolher a experiência dos homens no seio da sua pretensão». Mas, logo a seguir, *don* Giussani põe em relevo a nossa responsabilidade: «Mas o homem também não pode preparar-se para uma verificação desta envergadura sem um empenhamento que implique a sua vida. Ele também não poderá percorrer até ao fim o caminho que lhe certifica a credibilidade daquilo que a Igreja declara sem estar disposto a comprometer-se. Se a Igreja se apresenta como vida, vida plenamente humana e carregada de divino, o homem terá de se comprometer com a vida para “verificar” esse desafio. E não poderá surpreender a verdade do que a Igreja promete, ou a ausência dela, senão partindo do que a Igreja é, hoje, junto dele. Se a Igreja não pode fazer batota, tão-pouco o homem pode fazê-la. Perante ele abre-se um verdadeiro caminho para o qual o seu coração deve estar disponível.» (*Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra, 2016, pp. 250-253).

Quando encontramos uma testemunha, temos a possibilidade de verificar se vive melhor que nós. Comparar é identificar uma diferença de potencial. É a essa comparação que a Igreja submete a proposta que faz ao homem. E como a Igreja não pode fazer batota, nós também não podemos. O ponto de comparação não é um moralismo mais rígido, mas o acontecimento desta diferença de potencial que facilita enfrentar a vida de um modo mais verdadeiro, mais real, que faz viver melhor todas as circunstâncias nas quais o Mistério nos coloca. Então, quando uma pessoa o descobre, enche-se de gratidão. Todas as pessoas são iguais? Em todas surpreendemos uma diferença de potencial? Todas nos atraem do mesmo modo? Todas nos põem em ação do mesmo modo? Cada um deve verificar isso na sua experiência, porque esta é a questão que *don* Giussani deixou aberta. Impressiona-me sempre ler estes trechos de Giussani no *Porquê a Igreja*. Porque deixa a questão aberta. Como a Igreja não pode fazer batota e tem de se medir com as exigências do homem, o carisma também tem de se medir com as tuas exigências elementares. É aqui que nasce a comparação, que só tu podes fazer. Porque é que a nossa nova amiga cedeu? Porque reconheceu a conveniência humana de viver como aquela colega, viu como era mais ela própria. Também o vimos nas outras intervenções. E cada um de nós pôde fazer a comparação consigo.

Somos chamados constantemente a isto, à comparação que até a Igreja reconhece como critério para julgar. Lemos como Paulo VI se dirigiu a Giussani no início do Movimento: «Não percebo as suas ideias e os seus métodos, mas vejo os frutos e digo-lhe: continue assim». E disse-lho de novo em 1975: «Coragem. Vai na estrada certa» (A. Savorana, *Luigi Giussani, A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, pp. 227, 531). A comparação é com a novidade que o Espírito suscita diante de nós para não nos deixar ceder ao nada. Aqui está toda a dramaticidade que o carisma introduz na vida, para não nos deixar sucumbir ao nosso nada.

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade por videoconferência terá lugar quarta-feira, 24 de março, às 21h00.

Neste mês começaremos a ler o terceiro capítulo de *Gerar rasto na história do mundo*, que tem como título “Um povo novo na história, para a glória humana de Cristo”. Vamos trabalhar sobre os pontos 1 (“Um protagonista novo na história”) e 2 (“Para a glória humana de Cristo”).

Exercícios da Fraternidade. Na próxima semana enviarei uma carta a todos os inscritos na Fraternidade com as indicações para a inscrição e participação nos Exercícios, que terão lugar por videoconferência. Peço que a leiam dando atenção aos vários aspectos que a proposta deste ano implica.

Gestos da Semana Santa. Este ano o CLU vai propor os gestos da Semana Santa – as meditações da quinta-feira e sexta-feira de manhã e a Via Sacra de sexta-feira à tarde – por videoconferência. De modo excepcional, dadas as condições particulares deste ano, convidamos todos os adultos a considerar a possibilidade de participar na Via Sacra e, para quem puder, também nos outros gestos propostos pelo CLU. Nas próximas semanas serão comunicadas as indicações para a inscrição.

No site do CL estará disponível um livrinho com os cantos e as leituras escolhidas por *don* Giussani para a Semana Santa dos universitários.

Os Liceus comunicarão as suas iniciativas através dos canais habituais.

Manifesto de Páscoa. Vamos ver juntos o vídeo com as imagens e o texto do manifesto deste ano.

*[projeção do vídeo]*

A imagem que escolhemos é uma pintura de Giovanni Francesco Romanelli: *Os santos João e Pedro no sepulcro*; o texto é de *don* Giussani.

Os homens, jovens ou menos jovens, precisam em última instância de uma coisa: da certeza da positividade do seu tempo, da sua vida, da certeza do seu destino.

«Cristo ressuscitou» é afirmação da positividade do real; é afirmação amorosa da realidade. Sem a Ressurreição de Cristo só há uma alternativa: o nada.

Cristo torna-se presente, enquanto Ressuscitado, em todos os tempos, através de toda a história. O Espírito de Jesus, isto é, do Verbo feito carne, torna-se experimentável, para o homem de todos os tempos, na Sua força redentora de toda a existência individual e da história humana, na mudança radical que produz em quem embate n’Ele e, como João e André, O segue ”.

O vídeo-manifesto estará disponível brevemente no site e nas redes sociais do Movimento, e nos próximos dias também nas versões em inglês, espanhol, português e francês.

Para adquirir o manifesto em papel, dirijam-se à secretaria da vossa comunidade.

Usemos o manifesto, em papel ou em forma digital, como ocasião de encontro com todos. Só envolvendo-nos pessoalmente poderemos descobrir o seu conteúdo como verdadeiramente iluminador da nossa experiência, dando mais um passo na certeza da ressurreição de Jesus, presente na carne da nossa vida.

Que este tempo de Quaresma nos encontre disponíveis para identificar os sinais da “Sua força redentora” para que possamos dizer-Lhe novamente o nosso sim, como a criança que se deixa abraçar sem reservas.

Boa Quaresma a todos!

Até a próxima. Obrigado e boa noite.